

A IMPERMANÊNCIA DE TODAS AS COISAS

O que passa, o que permanece e a sabedoria do ciclo

Ainor Francisco Lotério

Agrônomo, filósofo, teólogo, diácono permanente e palestrante. Criador da Agrosofia. Camboriú, Santa Catarina, Brasil.

RESUMO

Este artigo examina a impermanência como estrutura constitutiva do real e como chave de maturidade humana. Parte da constatação de que tudo o que existe se encontra em regime de passagem: as emoções, os juízos, o conhecimento, o corpo, os papéis familiares e profissionais, as instituições e as próprias obras. Sustenta a tese de que o sofrimento prolongado não nasce da mudança em si, mas da expectativa de permanência projetada sobre aquilo que, por natureza, não permanece. Recorre à tradição de Heráclito, ao estoicismo de Epicteto e Marco Aurélio, à meditação agostiniana sobre o tempo, à duração de Bergson, à filosofia do processo de Whitehead e ao falibilismo de Popper, articulando essas fontes com a sabedoria camponesa que fundamenta a Agrosofia. Conclui que a permanência não se encontra nas formas, e sim no ciclo que as produz e as recolhe, e que aceitar a impermanência não significa descompromisso, mas urgência ética: plantar, dizer e reconciliar enquanto há tempo.

Palavras-chave: Impermanência. Agrosofia. Estoicismo. Falibilismo. Ciclo. Sucessão. Finitude.

1 INTRODUÇÃO

Há uma expectativa silenciosa instalada no fundo de quase toda vida humana: a de que as coisas boas fiquem e as coisas ruins passem. Essa expectativa nunca é enunciada, jamais é submetida a exame, e no entanto governa a maneira como as pessoas amam, trabalham, envelhecem e sofrem. Quando a realidade responde que tudo passa, o bom e o ruim, o esperado e o temido, a reação usual não é a compreensão, e sim a queixa. Chama-se injusto aquilo que é apenas natural.

O problema que este artigo enfrenta pode ser formulado em uma pergunta: o que significa, na prática, aceitar a impermanência? A hipótese aqui defendida é que aceitar a impermanência não é resignação, indiferença ou desapego frio, mas um ajuste de expectativa que devolve à pessoa a lucidez sobre o que lhe cabe. Trata-se de deixar de tratar como perda aquilo que sempre foi empréstimo.

A metodologia adotada é a da pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, com abordagem hermenêutica e argumentativa. O procedimento consiste na análise de fontes filosóficas clássicas e contemporâneas, articuladas à experiência da vida rural e da extensão agrícola, campo onde a impermanência não é tese abstrata, mas rotina de trabalho. O agricultor convive com a passagem antes de refletir sobre ela, e é dessa convivência que a Agrosofia extrai seu método: pensar a existência a partir do que a terra ensina.

2 O RIO, A ESTAÇÃO E A ESTRUTURA DO REAL

Heráclito legou ao pensamento ocidental a imagem mais econômica da impermanência ao afirmar que não é possível entrar duas vezes no mesmo rio. O detalhe mais duro da sentença costuma passar despercebido: não é apenas a água que mudou, também mudou quem se banha. O observador não é um ponto fixo diante de um mundo móvel. Ele é parte do movimento que descreve.

A tradição posterior recolheu essa intuição de muitas formas. Agostinho, ao meditar sobre o tempo nas Confissões, reconhece que o presente não tem espessura, pois se dissolve no instante mesmo em que é nomeado. Bergson mostrou que a vida não é uma sequência de estados estáveis, mas duração, fluxo contínuo em que cada momento carrega e transforma o anterior. Whitehead levou o argumento ao limite ao propor que a realidade última não é feita de substâncias permanentes, e sim de processos, de acontecimentos que se realizam e passam. Bauman, já em nosso tempo, descreveu a modernidade como líquida, incapaz de manter forma, e diagnosticou o desconforto de quem foi educado para o sólido e vive no que escorre.

A agricultura conhecia isso muito antes da filosofia formulá-lo. Nenhuma lavoura é permanente. A semente deixa de ser semente para que haja planta, a planta se desfaz para que haja fruto, o fruto é colhido e a terra volta ao repouso. Quem trabalha com estações aprende cedo que a permanência de uma forma seria, na verdade, uma doença. Fruto que não cai apodrece no galho.

3 AS EMOÇÕES NÃO SÃO SENTENÇAS, SÃO ESTAÇÕES

A primeira camada da impermanência é a emocional, e talvez seja a mais mal compreendida. Estados afetivos são fenômenos de curta duração fisiológica. A tristeza, o medo, a raiva e o entusiasmo têm começo, pico e declínio. O que os prolonga além do seu tempo natural não é o acontecimento, mas o comentário interno que a pessoa constrói sobre ele e repete silenciosamente por dias, meses e às vezes anos.

Epicteto formulou o princípio com clareza definitiva ao observar que os homens não são perturbados pelas coisas, mas pelos juízos que fazem sobre as coisas. Marco Aurélio, governando um império e enterrando filhos, escreveu para si mesmo a lembrança de que tudo o que se vê muda em pouquíssimo tempo. A consequência prática é considerável: se a emoção é passageira por natureza, então não deve ser tratada como veredito sobre a própria vida. Ninguém decide o futuro na hora do desânimo, assim como ninguém planeja a safra no meio do temporal.

Aceitar a impermanência emocional significa conceder ao sentimento o direito de existir e recusar a ele o direito de legislar. O agricultor não discute com a chuva, tampouco assina contratos enquanto ela cai. Espera, observa, e age quando o campo permite entrar.

4 O CONHECIMENTO PROVISÓRIO E A HUMILDADE EPISTÊMICA

A segunda camada é intelectual. As convicções mudam porque foram formadas com a informação, a dor e a maturidade disponíveis naquele momento. Quem atravessou quarenta anos sem jamais rever uma posição provavelmente não amadureceu, apenas parou de olhar.

A ciência institucionalizou essa provisoriedade como método. Popper demonstrou que nenhuma teoria empírica é definitivamente verificável, e que a marca do conhecimento sério é justamente a sua exposição ao risco de ser refutado. Uma proposição que nada pode contradizer nada afirma. A honestidade intelectual consiste, portanto, em manter as próprias certezas sob prazo de validade, sem que isso as torne frouxas: convicção firme e revisável não são termos contraditórios, são a mesma virtude vista de dois ângulos.

Na extensão rural essa lição é diária. Recomendações técnicas consideradas corretas em uma década foram abandonadas na seguinte. O manejo mudou, o solo revelou o que a análise não dizia, e o técnico honesto voltou à propriedade para corrigir a própria orientação. A humildade epistêmica não é fraqueza profissional, é a única forma de competência que sobrevive ao tempo.

5 O CORPO, OS PAPÉIS E OS VÍNCULOS QUE MUDAM DE FORMA

A terceira camada é a mais concreta e a que menos admite argumentação. O corpo muda sem pedir licença. Envelhecer é a impermanência deixando de ser tese e passando a ser biografia. Surgem limitações que antes não existiam, e com elas a tarefa de reorganizar a vida em torno do que permanece possível, em vez de organizá-la em torno da lamentação pelo que se foi.

Junto com o corpo mudam os papéis. O filho que dependia passa a decidir. O pai que decidia passa a aconselhar, e depois passa a apenas acompanhar. A recusa em aceitar essa troca produz mais amargura do que qualquer perda patrimonial, porque transforma o amor em disputa de comando. É neste ponto que a Pedagogia da Ausência encontra seu fundamento filosófico: recuar deliberadamente não é abandonar, é criar o espaço no qual a geração seguinte se forma. Quem nunca sai não forma sucessor, forma dependente. A ausência planejada é uma forma superior de presença.

O mesmo vale para as instituições, os cargos e as obras. Empresas, cooperativas, mandatos e projetos continuam sem quem os iniciou, ou não continuam, e nenhuma das duas hipóteses está integralmente sob domínio humano. O luto pela perda, quando chega, não é um erro a ser corrigido: é o preço proporcional do vínculo que houve. Só chora quem amou, e a dor é a última prestação de uma dívida boa.

6 O QUE PERMANECE: O CICLO COMO FORMA DA PERMANÊNCIA

Existe um paradoxo que sustenta toda esta reflexão e que constitui o núcleo agrosófico do argumento: a única coisa permanente é o processo da mudança. A semente não permanece, a planta não permanece, a colheita não permanece. O ciclo permanece.

Daí decorre uma distinção decisiva para a vida prática. Quem se identifica com a forma perde tudo a cada estação, porque cada estação desfaz a forma anterior. Quem se identifica com o ciclo atravessa as estações inteiro, pois reconhece na perda a etapa que antecede a próxima sementeira. A permanência que o ser humano busca existe de fato, mas está no movimento, e não nas figuras que o movimento desenha ao passar.

A tradição bíblica sapiencial diz o mesmo em outra chave ao afirmar que há tempo para todo propósito debaixo do céu, tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou. Não se trata de fatalismo, e sim de discernimento de estação. A sabedoria consiste em reconhecer em que tempo se está, porque a mesma ação que é virtude na sementeira é erro na colheita.

**Quem se agarra à forma perde tudo a cada estação.
Quem se reconhece no ciclo atravessa as estações inteiro.**

7 O LIMITE DA ACEITAÇÃO: IMPERMANÊNCIA NÃO É DESCOMPROMISSO

Toda verdade forte pode degenerar em desculpa, e esta não é exceção. A consciência de que tudo passa pode ser convertida em alibi para não terminar o que se começou, não honrar o que se prometeu, não construir nada que exija anos. Uma coisa é saber que tudo passa. Outra, muito diferente, é usar esse saber para não plantar.

A postura fértil é exatamente a inversa. Como a vida é breve e as pessoas são emprestadas, a conclusão correta é a urgência e não a apatia. Plante agora, porque a estação não espera. Diga agora, porque o interlocutor não é eterno. Reconcilie agora, porque o adiamento tem custo composto. Frankl, ao pensar a existência a partir da experiência mais extrema, observou que viver responsavelmente é agir como quem já está vivendo pela segunda vez e tem a chance de não repetir o erro cometido na primeira.

A impermanência, portanto, não retira o sentido da ação humana. Ela o concentra. O instante presente vale precisamente porque é escasso. Se durasse indefinidamente, seria indiferente, e a indiferença é o contrário do cuidado.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A impermanência não é uma desgraça a ser suportada, é a gramática segundo a qual a realidade se escreve. Aceitá-la produz efeitos verificáveis na conduta: atenção ao presente, humildade diante das próprias opiniões, capacidade de elaborar o luto, leveza nas disputas por posição e reconhecimento, e disposição para transferir o comando quando chega a hora.

O que se recusa a essa aceitação paga caro. Envelhece contestando o próprio corpo, administra contestando o sucessor, discute contestando o tempo. Gasta na defesa da forma a energia que deveria empregar na continuidade do ciclo.

Resta uma última consideração, de ordem espiritual, que a Agrosofia não separa da reflexão filosófica. O agricultor faz o que lhe cabe e entrega o restante, porque conhece com exatidão onde termina o poder humano e onde começa o de Deus. Essa entrega não é renúncia à responsabilidade, é a maturidade de quem trabalhou até o limite do próprio alcance e reconhece que a germinação não está em suas mãos. Aceitar a impermanência é, no fim, aceitar essa medida: fazer inteiramente a parte que é nossa e devolver, sem amargura, a parte que nunca foi.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. Confissões. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERGSON, Henri. A evolução criadora. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BÍBLIA. Eclesiastes. In: BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- EPICTETO. Manual de Epicteto. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- FRANKL, Viktor E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 2019.
- HERÁCLITO. Fragmentos. In: Os pré-socráticos. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. A eternidade em nós. Camboriú, 2021.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. Agrosofia: textos e artigos. Disponível em: www.ainor.com.br. Acesso em: 26 ago. 2026.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. Um minuto de inspiração. Camboriú, 2020.
- MARCO AURÉLIO. Meditações. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- MONTAIGNE, Michel de. Os ensaios: livro I. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- POPPER, Karl R. A lógica da pesquisa científica. São Paulo: Cultrix, 2013.
- WHITEHEAD, Alfred North. Process and reality: an essay in cosmology. New York: Free Press, 1978.

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Lotério nasceu em 27 de janeiro de 1961, na comunidade rural de Campestre, município de Vidal Ramos, Santa Catarina. Filho de agricultores, formou-se técnico agrícola e, em seguida, engenheiro agrônomo. Construiu carreira de quatro décadas na extensão rural, na administração pública, na consultoria em cooperativismo e na radiodifusão. Na extensão rural, atuou na Acaresc, na Emater-SC e na Epagri, onde exerceu a Direção Estadual, implantou o Projeto Microbacias de Turismo Ecológico e Rural e foi gestor do Programa de Motivação da Juventude Rural e Pesqueira do Estado de Santa Catarina. Foi Prefeito de Camboriú e assessor legislativo na Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Mantém o programa de rádio Alegria de Viver desde 1989. Recebeu a ordenação diaconal permanente em 2022. É criador da Agrosafia e dos conceitos de Motivação Racional, Inteligência Orientada, Ciclomotivação e Pedagogia da Ausência. É autor de Pais Frouxos, Filhos Sofredores; Pais Firmes, Filhos Felizes; Paixão pelo Cooperativismo; A Eternidade em Nós; e Um Minuto de Inspiração. Reside em Camboriú, Santa Catarina.

PALESTRAS, CURSOS E PARTICIPAÇÕES**www.ainor.com.br · www.loterio.com.br****ainorfloterio@gmail.com · WhatsApp (47) 99967-5010**